



Diminuindo silhuetas, aumentando estimas: identidades reconstruídas após a gastroplastia

ALMEIDA, Rogério José de. *Gastroplastia e a reconstrução da identidade*.
Goiânia: Cânone Editorial, 2009. 120 p.

CLOVIS CARVALHO BRITTO

Doutorando em Sociologia (Universidade de Brasília)

Brasília, Brasil

clovisbritto5@hotmail.com

Eu não gostava de ser o centro das atenções porque eu pesava 150 kg. Eu não gostava. Eu preferia ser o centro das atenções porque eu conversava alto, porque eu era estourada. Eu prefiro assim, como é assim hoje [...]. Eu já sofri discriminação demais, demais. “Nossa, aquela gordinha” ou “a menina lá ta interessada em você... não! Aquela gordinha?”. É ruim. [...] Então, tem a Diene antes do dia 30 de julho de 2003 e a Diene depois de 30 de julho de 2003. (p. 87)

É COM ESSE DEPOIMENTO que Rogério José de Almeida abre um dos capítulos de seu livro sobre a gastroplastia como subsídio para “encenação” de novas identidades. As palavras de Diene demonstram que a cirurgia se tornou o ápice de um processo até então irreversível, constituindo uma espécie de divisor da trajetória social explicitado em seu corpo. A leitura da pesquisa, originalmente elaborada como requisito para a obtenção do título de mestre em sociologia pela Universidade Federal de Goiás, suscita a importância da temática. De modo especial, dirige nosso olhar para além das silhuetas reduzidas e assume a tarefa do fio de Ariadne a nos guiar pelo labirinto em torno das consequências sociais das práticas de intervenção corporal.

Nos últimos anos tem crescido o número de estudos examinando as disputas, os processos e os efeitos das negociações em torno das práticas de intervenção e fabricação corporal. Dentre eles, destacam-se os que concebem o corpo como um lócus privilegiado de investimentos e expectativas que se ressignificam produzindo saberes socialmente incorporados e compartilhados. Há um controle sobre determinados atributos e, portanto, uma categorização de elementos que ampliam ou reduzem o *status* moral dos indivíduos que os apresentam. São várias as dificuldades encontradas pelos que possuem características consideradas como depreciativas e, nesses casos, a manipulação da informação social torna-se penosa e frustrante, obrigando o indivíduo a ser coadjuvante da própria vida e protagonista do preconceito alheio.

Descortinando este universo, Rogério José de Almeida apresenta as ciências sociais com sua sensível análise ao entremear teoria sociológica contemporânea e rigorosa leitura e escuta do empírico. Suas reflexões sobre as metamorfoses do corpo baseiam-se num percurso investigativo em torno da socialização de indivíduos outrora estigma-

tizados e da manipulação das informações projetadas em suas interações. Tomando a experiência da obesidade mórbida como recorte empírico e percorrendo pulsões expressivas de mulheres que (re)encontraram, após a *plastia* (reparação) no *gastro* (estômago), a aceitação perdida ou desejada, podemos interrogar como os mecanismos de regulação social produzem práticas corporais que agenciam diferentes subjetividades.

E esta é uma de suas maiores contribuições: um esboço sobre as implicações da aparência e/ou uma sociologia do corpo na tentativa de desvendar os enigmas do olhar. Olhar o que, antes, contrariava as leis da física, incomodava e não dava prazer e o que, agora, causa admiração, conforto e beleza. Captando essa trama de sentimentos, revela nessas transformações, como o percurso do diferente ao indiferente faz a diferença. O que o livro nos oferece, investigando um caso extremo, vai muito além das implicações em torno da redução de um órgão. A partir de uma análise microscópica, avança sobre aspectos gerais indicando, na contemporaneidade, um Narciso insatisfeito que, influenciado por outros espelhamentos, duvida da eficácia da própria imagem. Dessa forma, demonstra que a gastroplastia é muito mais do que uma prática médica utilizada para o cuidado com a saúde. A medicalização da diferença provoca uma alteração efetiva na forma com que os indivíduos se percebem e são percebidos. Efeito que descortina as especificações do corpo como fontes privilegiadas de construção identitária e mostra a gordura, a exemplo de outros fatores, como um coeficiente simbólico.

A partir de dados coletados em um hospital da cidade de Goiânia, o autor selecionou pacientes do Serviço Integrado de Cirurgia da Obesidade (SICO), serviço particular e multidisciplinar de assistência médica que até o período da pesquisa havia realizado um total de 422 gastroplastias. Dentre essas, 338 foram realizadas em mulheres, cerca de 80% dos operados. Apesar de as cirurgias apresentarem riscos e complicações físicas, o livro lança luzes para as consequências imateriais provocadas pela diminuição da materialidade. Como um personagem que se reconhece e se faz reconhecer pela *persona* que sustenta, o indivíduo (e seu círculo social) sem o “rótulo” da obesidade se defronta com um novo papel na batalha de estimas. Para revelar essas dimensões, o autor inicia o texto descortinando as relações entre corpo e obesidade na sociedade contemporânea. Atravessando as discussões que vão do corpo moldado à obesidade severa, compreende a obesidade nos níveis de doença crônica como um processo que envolve identificação e categorização no âmbito da sociedade:

O que ocorre [...] é a criação de uma multiplicidade de estereótipos acerca dos indivíduos que possuem obesidade severa, coerente com o fato de que, em

diferentes campos ou diferentes posicionamentos na sociedade, estão a todo o momento nos identificando a partir de atributos (por vezes depreciativos) e símbolos padronizados de nossa cultura, o que nos leva a assumir diferentes e fragmentadas identidades sociais. Essa identificação se dá sempre em relação a um padrão cultural ou a uma identidade específica que serve como parâmetro para que outras identidades sejam reconhecidas. (p. 60)

Nesse aspecto, após apresentar as constrictões sociais que resultaram na modificação dos padrões de valorização corporal em um processo de longa duração, sabiamente centra suas observações no “estigma”, nos moldes da categoria analítica desenvolvida por Erving Goffman (1988). A socialização dos indivíduos estigmatizados, a manipulação da informação sobre as características tidas como depreciativas e as reações encontradas em situações de interação social, são as suas principais temáticas. A sociedade estabelece mecanismos de categorização das pessoas, definindo os atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada categoria. Quando um “estranho” ingressa no grupo, seus aspectos permitiriam prever a sua categoria e atributos, enfim, a sua “identidade social”. O “estranho”, nesse caso, seria o indivíduo portador de um atributo que o diferenciaria de outros integrantes de uma categoria em que pudesse ser incluído. No livro resenhado, o atributo diferenciador é o índice de massa corporal acima dos padrões determinados como “normais” ou “saudáveis”, que, por essa razão, aciona uma série de conceitos e preconceitos que estimulam estratégias de aceitação a exemplo de dietas, tratamentos alternativos e, recentemente, as gastroplastias.

Aspecto que, apesar de implícito na pesquisa de Rogério Almeida, pode ser visualizado com propriedade, se aproximado às análises de Zygmunt Bauman (2008). A vida líquida oriunda da sociedade de consumo e síntese da permanente insatisfação, fragmentação e efemeridade, contribuiria para que a própria vida se tornasse uma mercadoria atraente, desejável e desejada e a identidade, uma pena perpétua de trabalhos forçados – o esforço de tornar a escolha publicamente reconhecível, visto que a identidade se torna um projeto e uma fonte inesgotável de capital: “a grande atração é o puro prazer do fazer-criar, com a parte insípida do ‘fazer’ quase eliminada da lista de preocupações daqueles que fazem, já que permanece invisível para os que ‘crêem’” (Bauman, 2008, p. 148). Questões já suscitadas por Rogério (2009b) em outro texto recente relativo ao estigma da obesidade e às tramas da identidade na chamada modernidade líquida ou pós-modernidade na cidade de Goiânia.

Voltando ao livro resenhado, a pesquisa desemboca em uma interessante problematização relacio-

nada ao processo de reconstrução identitária. A foz desse rio-mar teórico-metodológico e empírico revela os motivos que impulsionaram essas mulheres a se submeterem à cirurgia de redução do estômago, as consequências de trajarem um novo corpo e uma nova imagem, além de estabelecer a categoria “novas magras” e oferecer outros desdobramentos aos pesquisadores da temática.

Os deslocamentos da imagem, em decorrência de uma perda sem luto, as expectativas da aceitação social, em virtude da diminuição ou do aumento do peso, e as manipulações da identidade são alguns dos caminhos aqui trilhados para a compreensão do estatuto do corpo na sociedade contemporânea. Deixando a porta entreaberta para que possamos seguir e avançar sobre seus passos nos interstícios entre linguagem e corpo, este livro oferece uma significativa contribuição a todos que desejam desvendar a vida em sociedade para muito além das aparências.

Referências

- ALMEIDA, Rogério José de. *Gastroplastia e a reconstrução da identidade*. Goiânia: Câne Editorial, 2009a.
- ALMEIDA, Rogério José de. O corpo como produtor de identidade: o estigma da obesidade em Goiânia. In: MARINHO, Thais Alves; ALMEIDA, Rogério José de; MACEDO, José Eduardo; BRITTO, Clovis Carvalho (Orgs.). *Goiás e a (pós) modernidade: dimensões e reflexões*. Goiânia: Ed. UCG, 2009b.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.